



CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – Ano X – Dezembro 2004.

EDITORIAL

Da Folia ao Carnaval.

A Comissão Mineira de Folclore promoveu no dias 3 e 4 de dezembro, o Seminário Integração Interétnica em Minas Gerais. O evento teve o objetivo de homenagear o cinquentenário da Federação dos Congados de Minas Gerais.

O programa obedeceu à diretriz de ouvir os mestres e contra-mestres das guardas, ternos e irmandades de Nossa Senhora do Rosário, das Mercês, São Benedito e Santa Efigênia. Esse foi mais um momento de aprendizagem para os estudiosos da pragmática do saber popular.

Os palestrantes, reis, rainhas, priores, mordomos e mestres esclareceram em coro que “congado”, capitão de congado e congadeiro” são invenções muito atuais debitando-as à conta dos folcloristas. Alguns passaram a evitar o nome “congado” e “congadeiro” alegando a deturpação de suas práticas.

A oportunidade da denúncia reveste-se da maior importância para os estudos acadêmicos em geral e mostram a prepotência das assim chamadas ciências humanas. Em nome do estudo acadêmico, são criados nomes e atribuídas identidades a comunidades, grupos, nações e tudo mais.

Para todos nós, folcloristas, fique a lição. Em nome da defesa da pragmática do saber popular, nós atribuímos uma nova identidade aos grupos, às pessoas e às representações originadas de sua prática.

Congado, como um nome genérico, aprendemos, é uma imposição que oculta o componente maior da pragmática do saber: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Reduzindo tudo a congado, eliminamos a devoção e destacamos a dança. Isso abre espaço para a espetacularização das práticas devocionais, expulsas da festa.

Os protestos dos mestres, priores, contramestres e dançantes puseram à mostra os atos falhos dos estudiosos de modernizar a chamada “cultura popular tradicional”, monitorando-a em sua menoridade.

Do Seminário, resultaram como lição:

- Não é Congado, mas **Reinado de Nossa Senhora do Rosário**.
- Capitão e capitão-mor são nomes novos e desconhecidos da pragmática do saber popular: entre os marujos, a figura principal é o patrão; nos demais ternos, é o mestre.
- O Reinado de Nossa Senhora do Rosário é apenas uma parte da prática religiosa das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário.



Veja nesta Edição:

- ❖ **Agenda**
- ❖ **Correio**
- ❖ **Artigos e contribuições**
- ❖ **Tome nota**

AGENDA

ACONTECIDOS

➤ Rose Marie Reis Garcia

No dia 8 de dezembro, os folcloristas estavam em polvorosa. A comunicação que havia diminuído sensivelmente após o congresso de intensificou. O portavós foi o Afonso, presidente da Comissão Fluminense e vice-presidente nato da Comissão Nacional por força do Estatuto. Bem informado, passou a infeliz notícia. Rose, presidente eleita da Comissão Nacional de Folclore, deixava o mundo dos vivos.

Parece que Rose Garcia estava sendo avisada. Ao se dirigir ao XI Congresso, é obrigada a retornar de São Paulo. Mal completado um mês da posse por correspondência, deixa vago o cargo e o mundo.

Todos os folcloristas do Brasil estão de luto fechado nos moldes das Ordenações Felipinas.

➤ Assembléia Geral da Comissão Mineira Elege nova Secretária.

O folclorista Zanoni Eustáquio Roque Neves, eleito secretário da chapa liderada por Kátia Cupertino, formalizou pedido exoneração da chapa, logo após a posse. Alegou para tal, recomendações médicas. Para substituí-lo foi apresentado o nome de Danielle de Freitas, membro efetivo e que cursou pós-graduação em Folclore e Cultura Popular, no ano de 1998. Sua monografia: *Ele não sabe que seu dia é hoje*, mereceu aprovação e elogio da banca e de diversos estudiosos.



Danielle, desde sua posse como membro efetivo se mostrou uma excelente colaboradora apesar de não estar oficializada em nenhum grupo de trabalho.

A Assembléia Geral reunida no dia 22 de novembro aprovou por unanimidade o nome dessa jovem folclorista. Recomposta a diretoria, a Comissão Mineira poderá retomar o rumo traçado para a gestão 2004-2007.

➤ Seminário Integração Interétnica reúne os mestres do Reinado para ensinar.

Com a presença da diretoria da Comissão Mineira de Folclore, o presidente da Federação dos Congados de Minas Gerais e estudiosos de diversas áreas, realizou-se nos dias 3 e 4 de dezembro o I Seminário Integração Interétnica de Minas Gerais. O evento contou com o patrocínio da



USIMINAS e Secretaria de Estado da Cultura, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura e o apoio do SESC/ARMG/LACES.

Foi oportunidade ímpar de aprender com os mestres das irmandades, ternos e guardas de Nossa

Senhora do Rosário. O encontro contou também com a honrosa presença do folclorista Eliomar Mazzoco, presidente da Comissão Espírito Santense de Folclore.

A Revista Comissão Mineira de Folclore dedicará a edição de nº 24 com exclusividade para o assunto.

Festa do Rosário de Justinópolis

Encerrou-se no dia 25/10, a Festa de Reinado da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, em Justinópolis, na Região Metropolitana da Grande Belo Horizonte, após vários dias de festejos e oração. A Irmandade, comandada pelo incansável capitão Zezé, de 74 anos, já é bastante conhecida na Região Metropolitana de Belo Horizonte e cidades do interior de Minas, sendo fonte de pesquisa para músicos, coreógrafos e estudiosos de folclore e religiosidade.



Dentre as várias guardas presentes, estavam duas da cidade de Oliveira, que segundo a Capitã Petrina, é a primeira vez que vêm à Festa de Justinópolis, apesar dela própria sempre prestigiar o Capitão Zezé e sua Irmandade.

Um grande destaque nas festas de Justinópolis, atualmente, estão sendo as crianças. Congadeiros-mirins, que mal conseguem andar já ensaiam seus primeiros toques nas caixas. É a mão de Nossa Senhora do Rosário guiando-os para que a tradição não se perca. Andréia Patrícia



CORRESPONDÊNCIA

➤ De Eliomar Mazzoco, Presidente da Comissão Espírito Santense de Folclore

Amigos da Comissão Mineira.

Aguardo contato sobre o encontro de fins de novembro em



torno do congo mineiro. Virá daí um grupo participar de nossas festas na cidade de Serra em dezembro.

Os grupos já estão se relacionando. E nós? Abraços,

Eliomar

Foi com alegria que fomos honrados com tão ilustre visita.

➤ Do Centro Paraense de Estudos do Folclore

Comunicamos à Comissão Nacional de Folclore e a todos os caros companheiros que o Centro Paraense de Estudos do Folclore está funcionando à Rua D'Aveiro nº 62, Cidade Velha, CEP 66010-000, em Belém, PA (Fone: (91) 223 2186), sede do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) que cedeu suas instalações à Comissão, em gesto de cooperação que muito significará para nossas atividades.

Abraços,

João Augusto de Oliveira

Presidente do Centro Paraense de Estudos do Folclore

Manifestações de pesar

Quero hoje solidarizar-me com todos os amigos da Comissão Nacional de Folclore pelo falecimento da Prof. Doutora Rose Marie Reis Agrifoglio, presidente da nossa Comissão Nacional de Folclore. Todos os folcloristas, estudiosos do folclore, da cultura popular brasileira estão de luto. Uma mulher admirável. Doutora em musicologia, com intensa pesquisa sobre cantigas de roda, jogos, passeio, dancinhas, pequenas histórias, trava-línguas, parlendas, quadrinhas, brincadeiras infantis.

Ele preferiu ter a nossa doce Rose junto de si e fazer uma grande ciranda com outros nossos amigos, mestres, tocadores, músicos, escritores, poetas que já estão lá para a grande rodada celestial.

Um grande abraço irmã, teu lugar nunca ficará vazio, a saudade da tua lembrança tão forte e suave ficará para sempre em nosso coração.

Lélia Pereira da Silva Nunes

➤ Mensagem

O Congado e a Integração Interétnica em Minas Gerais

As irmandades de Nossa Senhora do Rosário desde o século XV se tornaram emblemáticas em todo o Império Cristão. Segundo São Luiz Grignon de Monfort, a devoção a Nossa Senhora do Rosário renasceu em meados dos quatrocentos.

Para o Império Ibérico, elas se tornaram o centro de integração étnica, tornando-se a bandeira da evangelização dos gentios com a conquista do Reino do Congo.

Em Minas Gerais, o congado se torna o símbolo da integração étnica anunciando a necessidade da paz urbana no interior de uma ordem escravista, discriminatória e violenta.

Não se pode menosprezar sua importância no interior do processo de dominação que demarcou o processo de colonização. Convém lembrar que Minas concentrava a maioria absoluta da população do Brasil nessa época. Ao criar o espaço de confraternização entre os grupos étnicos, valorizando ritmos, músicas e danças, o que ficou conhecido como congado apontou para a emulação pacífica entre as etnias e favoreceu a tolerância no interior das imposições segregadoras.

Sua permanência nos dias atuais, deve ser recebida como uma constante denúncia ao tipo de ordem espacial que estamos construindo no início deste milênio. Convém insistir nesse desafio: no interior da ordem escravista, se reconheceu que a vida urbana só é realmente possível com a acolhida dos dominados, eliminando o medo advindo da segregação imposta por uma ordem injusta. Então, quais os novos espaços de acolhida e conagração estão sendo criados e promovidos nesta realidade de uma ordem marcada pelas relações desiguais de acesso ao mercado?

A presença do congado é o desafio para os dias atuais. Enquanto construímos muros visíveis ou invisíveis, enclaves fortificados, o congado deve frequentar as ruas, cantar e dançar ao som dos tambores, insistindo no tema:

Senhores dominadores do século XXI, criem alternativas à convivência pacífica entre os desiguais, ou então aceitem como denúncia a solução de um passado que vocês acusam como marcado pelo barbarismo e pela desigualdade.

José Moreira de Souza



ARTIGOS

►DOMINGOS DINIZ

EM CADA PASSO DA DANÇA, UMA GOTA DE SANGUE

Em cada passo de dança do congadeiro, uma gota de sangue! O sangue é força, vigor, é o fogo do sol. O sangue simboliza a ressurreição da natureza.

O vermelho da vida. No congado encontramos o renascer, o rebrotar, a ressurreição nas festas que se realizam a cada ano. A ressurreição no ato de coroar um rei congo, uma rainha conga. Na coroação do rei do ano ou rei festeiro.

A festa tem um significado social, solidário, simbólico. Festa é da comunidade. A festa do reinado de Nossa Senhora do Rosário é um ato sagrado. O tempo da festa é sagrado. O espaço onde se realiza a festa é sagrado. O sagrado é transcendental, projeta-se para mais além. A ligação do ser humano com as divindades.

O congado não é um rescaldo de uma cultura arcaica. Muito menos um vestígio. O congado é uma coisa viva. A permanência de uma realidade social, devocional, sagrada. A manifestação da religiosidade popular. Mais que uma representação simbólica. O congado é o vivido. Testemunha desta nossa assertiva é o capitão-mor Gentil Lúcio de Jesus. Para ele, a festa de reinado é a própria Nossa Senhora do Rosário que continua a viver na terra. Nisto não vai heresia alguma, pois Deus nunca se agradou de orações misturadas com soberba. O Cristo quer ouvir a voz dos humildes, dos pretos, dos excluídos. De fato Nossa Senhora está dançando com os congadeiros na estampa da bandeira que vai à frente, no alto do mastro. Tudo Ela domina.

O capitão-mor Gentil Lúcio de Jesus nasceu na região dos marujos, dos catopés, dos caboclinhos. Quando era levantada a bandeira de aviso, quando os tambores rufavam, quando as flechas matraqueavam, nas vésperas do mês de agosto... Naquele 22 de julho de 1914, nasceu o menino, que na pia batismal lhe deram seus pais o nome de Gentil Lúcio de Jesus. Lá nos sertões de São Sebastião do Rio Preto, na época, Distrito de Conceição do Mato Dentro.

O menino cresceu na fazenda da “Cachoeirinha”. Como toda criança da roça corre atrás de bezerros, toma banho no córrego, com bodoques, mata passarinhos. Cresce rezando o Rosário, o Ofício e a Ladainha de Nossa Senhora. Até à fazenda chegavam os cantos dos marujos, dos catopés e dos caboclinhos, que encantavam e seduziam o menino Gentil. Diante da imagem de Maria, mãe de Jesus, Gentil cantava baxinho:

“Lá do céu e vem descendo a coroa
Ela e vem é do reino da glória.
Vamos receber ela com jeito, meus irmãos.
É a coroa de Nossa Senhora.
Vamos receber ela com jeito, meus irmãos.
É a coroa de Nossa Senhora”.

O tempo passa. Gentil torna-se rapaz. Quer ganhar o mundo. A “Cachoeirinha” é pequena demais para ele. Tem uma missão a cumprir.

Em 1933 chega a Nova Lima, onde vai trabalhar na mina de Morro Velho. Depois na mina “Cuiabá”, em Sabará, e em Bicalho. Volta a Nova Lima. Sempre trabalhando de mineiro, no fundo da mina, como fiscal. Trabalho árduo, desumano.

Junta-se aos mineiros e fundam o Sindicato dos Trabalhadores na Mineração de Nova Lima. Luta por seus direitos, porém tem uma missão. Sua paixão maior é a festa de reinado, a devoção à Nossa Senhora do Rosário. Lá estão os pilotos, os mestres, os dançadores do congado.

Gentil começa a dançar no reinado de Nossa Senhora. Entre os mestres e pilotos estão Manoel Cirino, Daniel Isabel, José Ezequiel Profeta 99, Narcisio. Todos já falecidos. Todos deixaram sua marca na devoção à festa de reinado. Depois, o sr. Ildefonso (falecido no mês passado em Nova Lima), os capitães-regentes Manoel Alves dos Santos, José Firmino e Osmar Martins. Hoje lá firmes em seus comandos das guardas de marujos.

Muda-se para Raposos com a família, onde reside até hoje. Ali desenvolve importante papel sócio-religioso. Em 1942 funda a primeira guarda de congo. Depois a guarda de marujos de Santa Efigênia. Em 1948, cria a guarda de moçambique, cujo chefe era o sr. Sebastião Evaristo Dias, vulgo Tião Curto. Com a morte do Tião Curto também morre o Moçambique.

Em Raposos não se limita às atividades de congadeiro. Funda o Diretório de Congadeiros de Raposos, com três guardas. Faz parte da folia de reis e da cavalhada. Desenvolve trabalho junto aos escoteiros e na Associação Comunitária. Seu trabalho ao longo do tempo em Raposos é reconhecido pela Câmara Municipal de Vereadores, que lhe conferiu, em 1999, o título de Cidadão Honorário de Raposos. A paixão primeira de Gentil é o Reinado de Nossa Senhora.

É criado o Diretório de Congados de Belo Horizonte e região metropolitana. Segundo Gentil, faziam parte do diretório: Osvaldo Ferreira Lima, Daniel Isabel e Gentil Lúcio, de Nova Lima; Galdino Gregório Teixeira, Antônio Lopes, Carlos Osório, Antônio Leandro, Isaías Vergílio, D. Rosa Lima, D. Maria Casemira – mais tarde a Rainha Conga de Minas Gerais – e D. Bela, de Belo Horizonte.



ARTIGOS

Domingos Diniz

Homenagem ao Capitão-mór Gentil Lúcio de Jesus

Eleita a primeira diretoria do Diretório: Presidente, Osvaldo Ferreira Lima; Secretário, Gentil Lúcio de Jesus; Tesoureiro, Isaías Vergílio. Conselheiros: Galdino Gregório, Daniel Isabel, Antônio Lopes e D. Bela.

O Diretório cresceu. Sob a presidência de Waldomiro Gomes de Almeida, passa a denominar-se Associação dos Congados de Minas Gerais. Também a Associação se expande e se transforma em Federação os Congados do Estado de Minas Gerais, reunindo congadeiros e reinados de todo o Estado. O Gentil tem uma missão a cumprir.

A Comissão Mineira do Folclore confere a Gentil Lúcio de Jesus o título de CAPITÃO-MOR DE MINAS GERAIS. Entregam-lhe o título os professores Aires da Mata Machado Filho e Saul Martins.

É presidente de honra da Federação dos Congados de Minas Gerais. Em 2001 Gentil é eleito Vice-presidente da Federação, cujo presidente é o sr. Pedro Coura. Este falece no mesmo ano. Gentil assume a presidência exercendo o cargo com dignidade e sabedoria até o fim do mandato. Passa a presidência ao Dr. Eustáquio Lima Alves, atual ocupante do cargo.

Em Raposos, Gentil é o comandante da Guarda de Marujos de Santa Efigênia. Além dela há a guarda de marujos do Capitão Adão e a de Caboclinhos. No alto de seus 90 anos, Gentil, com elegância e fé ainda dança e canta nas festas de reinado em louvor à Nossa Senhora.

Em 28 de agosto do corrente ano, na Missa Conga, encerrando a Semana de Folclore de Nova Lima, o Capitão-mor Gentil Lúcio de Jesus recebeu das mãos do prefeito Vitor Penido e do secretário Municipal de Cultura, Abílio Abdo Lopes, uma bela placa de prata por todo o seu trabalho em prol do reinado de Nossa senhora, na região, desde o longínquo ano de 1933.

Onde está o segredo da vitalidade do Capitão-mor Gentil Lúcio? Não é segredo. Está estampado, visível no peito do velho congadeiro: o santo ROSÁRIO DE MARIA. Segundo a própria Virgem Maria, no dizer do padre Antônio Vieira, “no Rosário está o mais eficaz remédio e socorro contra todas as adversidades”. Donde o Gentil vem vencendo todas as adversidades que se lhe apresentam. Está aqui forte, vigoroso. De seus passos de dança cai uma gota de sangue da paixão à festa de reinado de Nossa Senhora do Rosário.

Cantemos com ele:

“Hoje é dia Dela?

É sim senhor.

Hoje é dia Dela?

É sim senhor!!!”

Hoje e sempre é dia de Nossa Senhora do Rosário!

Frei Francisco van der Poel

Origem e Identidade do Reinado de Nossa Senhora do Rosário

Resumo

Save Maria!

Companheiros de palma,
Nós vamos brincar
Senhora do Rosário
Mandou me chamar.

Licença senhor rei,
Senhora rainha, licença,
Capitão licença,
Tamborzeiros, licença,
O povo todo
Chorou, chorou...
Samba nego,
Branco não vem cá.

Após a fala do Presidente da Federação dos Congados, Eustáquio de Lima Alves, Frei Xico discorreu sobre o tema sugerido, destacando doze tópicos:

1. Identidade, cultura e história.
2. Os afrodescentes no Brasil e o saber preservado: o rei José Geraldo e o capitão-mor João Lopes.
3. As diferentes faces da Congada: Candombe, Moçambique, congado, marujos, caboclinhos, cavaleiros de São Jorge, Tamborzeiros, Catopé, etc...
4. A missa conga e sua inserção na identidade das irmandades.
5. A questão da identidade: História não se nega.
6. A participação da Igreja na história dos grupos étnicos africanos, desde 1496.
7. Congado e Umbanda: diferenças
8. Irmandade e escravidão. A irmandade como substituta da Família.
9. Origem de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Não se confunde com o culto a Ifá.
10. Memória e História – depoimento de José Azevedo Pinto, capitão de Betim.
11. O Reinado e o grupo lingüístico Banto: Zambi, o culto aos antepassados.
12. Chico Rei, Mãe Áfroca e a união dos negros no Brasil.



Artigos

Chico Rei em Ouro Preto

Em 1740, Nalanga, então rei da tribo Kikuyu, foi capturado na África pelos portugueses e, juntamente com a família e aproximadamente 150 súditos, traficado num navio negreiro rumo ao Brasil. No percurso, perdeu vários companheiros de viagem, entre eles, sua esposa e a filha, pois não suportaram as péssimas condições a que foram submetidas.

Nalanga não se deixou abater, mesmo com as perdas significativas. Sua altivez impressionou a todos quando foi exposto, tal qual uma mercadoria, no porto de São Sebastião do Rio de Janeiro. Chegando, foi batizado com o nome cristão de Francisco Natividade.

Nessa mesma época, um grande veio era encontrado na mina de Catas Altas e como era um veio rico e profundo seria necessária a aquisição de novos escravos. Então, Dom Henrique de Góes delegou a seu irmão, o Major Augusto de Góes, a missão de ir, juntamente com alguns homens, até São Sebastião do Rio de Janeiro, onde adquiria-se escravos diretamente dos negreiros.

O grupo de Nalanga não apresentava doenças, como os demais, e parecia Ter perdido pouco peso. Imediatamente, o Major Augusto de Góes adquiriu todos eles. Debaixo de sol ardente, iniciaram a longa caminhada até Vila Rica de Ouro Preto.

Ao examinar o grupo, Dom Henrique intrigou-se com o primeiro da fila, que dirigiu-lhe um olhar intenso e enigmático. Um dos homens que estivera em São Sebastião do Rio de Janeiro apresentou-o como Chico rei, mas o Major tratou de desmentir, dizendo ser invenção para a valorização da mercadoria.

Dom Henrique conservou Chico Rei e seu grupo na Mina da Encardideira em Ouro Preto.

Com seu jeito nobre, Chico rei conquistou algumas pessoas, entre elas Joaquim dos Anjos, amigo da família Góes e explorador de uma mina de ouro de pouco rendimento em Mariana, que em confissão, doou ao padre local, uma significativa quantia, com a qual Chico Rei comprou sua liberdade.

Então uma lenda se formou: Chico rei tinha faro para encontrar ouro e qualquer mina, por mais seca que fosse, jorrava ouro na simples presença do escravo alforriado. Assim, seu trabalho passou a Ter grande valor na região.

Nos arredores de Mariana, Afonso Reis fez uma excelente oferta a Chico rei, que aceitou de imediato, com a intenção de pagar seu benfeitor e alforriar seus entes queridos.

Mais tarde comprou a alforria de seu filho Muzinga e foram trabalhar na Mina da Passagem.

Com o passar do tempo e a convivência com o padre local, o grupo de Chico rei começou a identificar os santos católicos com seus próprios Deuses.

Andréia Patrícia elaborou este artigo especial para esta edição.

Chico Rei em Ouro Preto

Nesse sincretismo a figura mais forte foi a de Nossa Senhora- africanamente conhecida como Senhora das Águas ou Unganda Berê Berê – que passou a ser adorada por eles.

No leito de morte, Dom Henrique de Góes vendeu simbolicamente a Mina da Encardideira (Também chamada *Palácio Velho*) para Chico rei, que

a fez voltar a produzir. Com o dinheiro comprou a liberdade de todos seus ex-súditos. Pouco antes de comprar os últimos, resolver fazer uma grande festa para que os brancos preconceituosos conhecessem a nobreza de seu caráter. Era dia 06 de janeiro, dia de reis, e fizeram uma procissão para homenagear Nossa Senhora, com danças e cantos africanos: à frente ia o tambor sagrado e logo atrás, os instrumentos de percussão. Muitos homens usaram guizos nos tornozelos, lembrando as correntes com que foram presos.

Após soar por três vezes o tambor sagrado, o grupo de mulheres começou a cantar com entusiasmo, ao som dos instrumentos. Era a guarda de congo que se formava.

Atrás dela, vinha um grupo comandado por um moçambique alforriado por Chico rei e que respondia aos cantos do Congo e dançava em rodas.

Entre os dois grupos vinha Chico rei, de terno e coroa. Nas mãos trazia um estandarte.

Graças a Chico rei centenas de negros obtiveram sua liberdade e para que estes pudessem assistir a Santa Missa foi construída a igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Morro do Alto da Cruz, em Vila Rica de Ouro Preto.

Apesar de haver comprovação literária de que no ano de 1740, em Recife, existiram reis negros, Chico rei é considerado, pela maioria dos pesquisadores, como o primeiro rei negro do Brasil, tendo em vista seu empenho em formar uma Irmandade.

Chico rei morreu de hepatite aos 72 anos, após consagrar-se como rei e ganhar o respeito da maioria da população. Com a queda do ouro e o surgimento do diamante, suspeita-se que Muzinga, filho de Chico rei, ao tentar encontrar diamante, passou por Sete Lagoas e Paraopeba, rumo a Diamantina. Há pesquisas que indicam descendentes deste em Sete Lagoas, assim como em Paraopeba, mas o paradeiro de Muzinga ainda intriga os pesquisadores.

Como trabalhavam durante todo o dia na mina de Ouro, a noite reuniam-se na senzala para lembrar de sua terra. De saudade, cantavam e dançavam seus lamentos, lembrando os rituais africanos. Como foram capturados, não transportaram seus pertences mais significantes, portanto começaram a sentir falta dos tambores, com os quais faziam suas festas.

Após o cansativo trabalho nas minas, à noite reuniam-se para confeccionar os tambores e, com eles, começaram a fazer suas festas.



Tome Nota

PARA OBTER A REVISTA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE 23.

Basta realizar o depósito de R15,00 no Banco Itaú, agência 3038 conta 01006-6 em nome da Comissão Mineira de Folclore e remeter o comprovante para Kátia Cupertino.

Av. Assis Chateaubriand 809,
Comissão Mineira de Folclore
Centro de Tradições Mineiras,
Anexo à Serraria Souza Pinto.

CEP – 30150-101 Belo Horizonte _MG.

A importância se destina à constituição de um fundo que garanta a continuidade das edições, mesmo quando não for possível obter patrocinador.

Destaque das palestras do Seminário Integração Interétnica em Minas Gerais

As mesas temáticas abordaram os seguintes assuntos: Origem e identidade do Reinado de Nossa Senhora do Rosário; Vivências do Sagrado; Significados e diferenças: guardas, cantos, instrumentos, cores, etc.; Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais.

No discurso de abertura Eustáquio de Lima Alves, presidente da Federação dos Congados enumerou como problemas: “A interlocução da Federação com as irmandades é diminuta”. “A interlocução com a Igreja Católica é muito pequena”. Existe uma “política desastrosa por parte dos poder público e dos agentes culturais”. Em síntese: as guardas e irmandades subsistem por conta própria, sem apoio da Federação enfrentando o silêncio da Igreja e as imposições do Estado e dos Animadores Culturais.

Seu Gentil, capitão-mór das guardas de Nova Lima - 90 anos completos - discorreu sobre a fundação da Federação, destacando três momentos: Em 1946 é criado o Diretório Central das Associações de Nossa Senhora do Rosário; em 1954, funda-se a Associação dos Congados; finalmente, em 1976, a Associação é transformada em Federação dos Congados de Minas Gerais.

Destques

Waldomiro, que já presidiu e agora encabeça uma nova chapa para a diretoria da Federação, enumerou as sete linhas que compõem os ternos ou guardas de Nossa Senhora do Rosário e distinguiu-as em três grandes grupos: Candombe, congo e moçambique - com raízes na África; marujos e cabolcinhos, em que predominam os pardos; catopé e vilão que dançam sem acompanhar um trono coroado. Discorreu também sobre a predominância e distribuição geográfica desses ternos na regiões mineiras.

Dirceu, contra-mestre de Justinópolis, Enfatizou as diferenças entre os ternos, segundo as formas de afinação com base nos grupos de congo: o congo tradicional, afinado pelas caixas e o congo real afinado pelas violas.

Eigênio Cassimiro lembrou três datas históricas da formação das irmandades em Minas Gerais: 1715 - Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Ouro Preto -, 1728, Vila do Príncipe, atual cidade do Serro; e 1727, Conceição do Serro, atual Conceição do Mato Dentro. Convidou ainda todos os presentes a comparecerem à Igreja de Nossa Senhora das Graças, às 16:00 horas do dia 15 de maio de 2005 para assistirem à missa conga da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Finalmente, após a exposição do folclorista Domingos Diniz, Sinval José da Costa, Chico Rei de Minas Gerais, narrou a lenda que fundamenta o mito da aparição de Nossa Senhora do Rosário. A lenda fundamenta toda a verdade da importância do candombe e sua imobilidade, a força do congo e do catopé, o lugar dos vilões e dos marujos como dançantes e a bênção conferida aos congos. O nome dado ao tambor grande - Santana - assume pleno significado no mito.

Próxima reunião da Assembléia Geral da Comissão Mineira de Folclore.

Sábado, dia 19, terceira semana de fevereiro de 2005. Haverá lançamento da revista Comissão Mineira de Folclore nº 24, edição especial.



Capitão-mor Gentil

- O capitão-mor Gentil Lúcio comemorou 90 anos tendo sido homenageado no Seminário Integração Interétnica em Minas Gerais, com discurso do folclorista Domingos Diniz..

Revista da Comissão Mineira de Folclore n° 24

- Os estudiosos interessados em contribuir com artigos para a edição de n° 24 da Revista Comissão Mineira de Folclore, podem enviá-los até o dia 30 dezembro de 2004.

A nova edição será lançada no mês de fevereiro de 2005, na Assembléia Geral comemorativa do aniversário da Comissão Mineira de Folclore.

Serão selecionados os artigos que obedecerem aos seguintes critérios:

O artigo dever ser inédito, ter título, nome do autor, dados de currículo em até três linhas, resumo de até 10 linhas e palavras chave.

O texto propriamente dito deve ter introdução apresentando o plano de redação, títulos para as seções e bibliografia, devidamente revisados pelos autores.

Mapas, figuras e gráficos devem compor arquivo à parte.

Dimensão: de 15 a 30 páginas, tamanho A4, corpo 12, tipo Times New Roman, entrelinha 1,5, justificado, em Word.

Apenas será publicado um artigo de cada autor. A revisão dos editores será apenas quanto à formatação.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Ano 10 – Dezembro de 2004.

Diretor Responsável – Kátia Cupertino

Fotos: José Moreira de Souza

Editores Gráficos: José Moreira de Souza

Impressão:

Diretoria da CMFL

Presidente de Honra: Saul Alves Martins

Presidente: Kátia Cupertino

Vice-presidente: José Moreira de Souza

Secretária: Danielle Gomes de Freitas

Tesoureiro: Maria Agripina Neves

Conselho Consultivo da CMFL

Antônio Henrique Weitzel

Edméia da Conceição Faria de Oliveira

Luiz Fernando Vieira Trópia

Endereço para Correspondência

Av. Assis Chateaubraind, 809 - Centro

Comissão Mineira de Folclore / CTM

Anexo à Serraria Souza Pinto.

CEP – 30150-101 Belo Horizonte - MG

E-mail: oficinafolclore@superig.com.br

